

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10

**CAROLINA MARIA DE JESUS,  
MAURA LOPES CANÇADO E WALMIR AYALA:  
VIDA E OBRA**

*Beatriz Cordeiro Carvalho* ()  
[drfortuna@hotmail.com](mailto:drfortuna@hotmail.com)  
*Daniele Ribeiro Fortuna* ()  
[drfortuna@hotmail.com](mailto:drfortuna@hotmail.com)  
*Allan Torres* ()

11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23

**RESUMO**

Esta comunicação busca apresentar os resultados do projeto de Iniciação Científica *Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: contextualização de vida e obra*, desenvolvido com bolsas de Iniciação Científica da FAPERJ e do Santander na Universidade Unigranrio. Os objetivos da pesquisa foram: realizar um levantamento bibliográfico sobre a década de 1950 e início da década de 1960; realizar uma pesquisa nos acervos online dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a década de 1950 e início da década de 1960, tendo como foco os seguintes temas: homossexualidade, loucura, catador de lixo, condição da mulher e contracultura; analisar e comparar os diários de Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala. Além disso, nesta comunicação, serão explicitadas as impressões gerais sobre cada tema abordado, relacionando-as aos panoramas histórico, social, cultural e econômico da época. Para tanto, são explicitadas as impressões gerais sobre cada tema abordados para ajudar no encaminhamento da pesquisa.

24  
25

**Palavras-chave:** Bibliografia. Diários. Contracultura.

26

**1. Introdução**

27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39

Esta comunicação busca apresentar os resultados do projeto de iniciação científica "Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: contextualização de vida e obra", desenvolvido com bolsas de iniciação científica da FAPERJ e do Santander na Universidade Unigranrio. Este projeto está vinculado à pesquisa *Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala: corpos e emoções nos diários*, que foi contemplada no edital Jovem Cientista do Nosso Estado, em 2014, e teve início em janeiro de 2015. A pesquisa em questão buscou comparar os diários dos escritores Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e Walmir Ayala no que diz respeito à descrição de seus corpos e emoções. Estão registrados nas páginas de tais diários passagens importantes da trajetória de cada autor, e seus escritos se tornam importante na existência deles. Isso porque os conteúdos dos textos são mais do que de-

1 sabafos, e sim relatos de que cada autor escrevia para se sobrepor a cada  
2 adversidade encontrada. Carolina Maria de Jesus escrevia para se sobre-  
3 por à miséria. Maura Lopes Cançado escrevia para resistir à loucura. E  
4 Walmir Ayala, para lidar com a sua homossexualidade na sociedade dos  
5 anos 1950.

6 Por meio das análises, notamos que os diários dos três escritores  
7 têm como ponto em comum um cenário configurando as duas principais  
8 cidades do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo. As mudanças - de um país  
9 agrário para um em processo crescente de urbanização - implicaram tam-  
10 bém transformações nos padrões estéticos vigentes. Carolina Maria de  
11 Jesus testemunhou esta realidade em São Paulo e Maura Lopes Cançado  
12 e Walmir Ayala, no Rio de Janeiro.

13 O objetivo deste projeto de iniciação científica foi realizar uma  
14 pesquisa exploratória (em fontes bibliográficas e sites confiáveis, como o  
15 arquivo online do jornal *O Globo* e do jornal *O Estado de S. Paulo*) sobre  
16 o contexto em que Carolina Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado e  
17 Walmir Ayala escreveram suas obras e de que forma tal contexto se rela-  
18 ciona à sua escrita. Assim, não somente o panorama histórico, social, cul-  
19 tural e econômico da época foi estudado, como também a maneira pela  
20 qual tal panorama aparecia na escrita desses autores, influenciando-a.  
21 Também identificamos em suas obras as referências ao lugar em que vi-  
22 viam: as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. O objetivo, portanto,  
23 foi relacionar vida e obra dos três escritores, movimento nem sempre  
24 empreendido pela academia que, por vezes, se limita a analisar apenas os  
25 aspectos literários dos livros.

26 O projeto também teve como objetivo analisar as obras de Caroli-  
27 na Maria de Jesus, Maura Lopes Cançado, e Walmir Ayala através da lei-  
28 tura de seus respectivos diários, de matérias jornalísticas e de um conjun-  
29 to de críticas de suas obras.

30 A importância do projeto se deu por conta da necessidade de se  
31 estudar importantes autores no cenário cultural da década de 1950 e que  
32 são desconhecidos do grande público. Nesse sentido, percebe-se, então, a  
33 necessidade de se divulgar a obra desses escritores e oferecer uma pers-  
34 pectiva e uma contribuição original aos estudos literários, especialmente  
35 os de literatura comparada, sobre a escrita proveniente dos seus diários.

36 Apesar de terem sido escritos há mais 50 anos, seus relatos não  
37 poderiam ser mais atuais. Os diários apresentam uma realidade e um con-  
38 texto cultural, nos quais estão presentes, como hoje, questões relativas ao

1 preconceito racial, à identidade gênero, bem como miséria, pobreza e  
2 corrupção... Nesses tempos de crise, os olhos jamais se voltam totalmen-  
3 te para a importância da cultura, mas através dela é possível enxergar  
4 uma contundente representação da realidade atual.

5 Através da escrita, Walmir Ayala, Carolina Maria de Jesus e Mau-  
6 ra Lopes Cançado puderam expor suas emoções, buscando se libertar da  
7 prisão existencial a que estavam submetidos, cada um com suas particu-  
8 laridades, Maura Cançado, por conta de sua condição médica, Carolina  
9 Maria, por sua raça e classe social, e Walmir Ayala por sua opção sexual.  
10 Cada um deles é dono de uma história enriquecedora e transformadora,  
11 envolvendo superação, aceitação pessoal e controle sobre si mesmo.

12

## 13 2. *Um pouco sobre os autores*

14 De origem mineira, foi no Rio de Janeiro que Maura Lopes Can-  
15 çado deu seus primeiros passos na literatura, publicando, em 1965, o li-  
16 vro *Hospício é Deus*, um diário no qual ela relatou sua passagem por um  
17 hospital psiquiátrico, e *O sofredor do ver*, lançado em 1968. No entanto,  
18 apesar do talento, sua condição mental a impediu de continuar escreven-  
19 do... A escritora nasceu em São Gonçalo de Abaeté, Minas Gerais, em  
20 1929. Era de uma família tradicional de fazendeiros. Desde criança, in-  
21 ventava histórias. Aos sete anos, dizia para os amigos que era filha de  
22 russos, tinha uma irmã chamada Natacha e tinha um tio que havia nasci-  
23 do na China, durante uma viagem de seus avós. (MEIRELES, 2014)

24 Maura casou-se aos 14 anos e logo foi mãe. Separou-se imediata-  
25 mente após o nascimento da criança. Era uma jovem à frente de seu tem-  
26 po. Gostava de pilotar aviões e de escrever – queria ser escritora. Porém,  
27 era bastante atormentada. Aos 18 anos, internou-se em um hospício por  
28 vontade própria.

29 Aos 22, mudou-se o Rio de Janeiro, onde conviveu com escritores  
30 influentes da época e trabalhou no *Jornal do Brasil*, um dos jornais mais  
31 importantes do país naquele período. Publicou dois livros: *Hospício é*  
32 *Deus* e *Sofredor do Ver*. Na década de 1960, era vista como uma promes-  
33 sa no cenário cultural, mas que não se concretizou em função da sua do-  
34 ença mental: “Esquizofrênica, ela passou por clínicas psiquiátricas e, em  
35 uma delas, matou uma interna e foi detida em um manicômio judiciário”.  
36 (MEIRELES, 2014). A escritora faleceu em 1993, solitária e esquecida.

1 O livro *Hospício é Deus – volume I* é um diário que foi escrito du-  
2 rante a sua internação no Instituto Nise da Silveira, que antes se chamava  
3 Gustavo Riedel – Centro Psiquiátrico Nacional. Segundo o jornalista  
4 Mauricio Meireles (2014), o volume 2 do diário teria se perdido quando  
5 o editor de Maura à época perdeu o original em um táxi. O manuscrito  
6 nunca mais foi recuperado.

7 Walmir Ayala nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em  
8 1933. Seu pai era mecânico de automóveis e, apesar ter incentivado o fi-  
9 lho a estudar, era contra sua carreira de escritor. Sua mãe morreu quando  
10 Ayala tinha apenas quatro anos, o que marcaria para sempre sua vida e  
11 sua carreira.

12 Assim como Maura, foi também no Rio de Janeiro que o autor  
13 sustentou uma carreira bastante promissora, atuando como romancista e  
14 destacando-se na poesia e na literatura infanto-juvenil, além de ser crítico  
15 de arte. Uma de suas obras mais comentadas é *À Beira do Corpo*, que  
16 tem como enredo traição, assassinato e as consequências de tais atos.  
17 Homossexual assumido, Ayala relatou em seus diários a busca por acei-  
18 tação pessoal e a fuga do preconceito presente na sociedade em relação  
19 aos homossexuais.

20 Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em Minas Gerais, mas  
21 foi em São Paulo que deu os primeiros passos rumo à carreira de escreito-  
22 ra. Famosa pelo livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960, foi através  
23 da literatura que encontrou uma forma de sair da favela e comprar a tão  
24 sonhada casa de alvenaria, sobre a qual fala tanto em seu diário. Era ca-  
25 tando lixo que ela se sustentava. Carolina escrevia sobre a realidade a sua  
26 volta nos próprios papéis velhos que encontrava pelas ruas. Seus relatos  
27 mostram o sofrimento causado pela miséria em que viviam Carolina e  
28 sua família e pela desigualdade social da época.

29 A escritora era mãe solteira de três filhos e teve seu livro editado  
30 graças ao jornalista Audálio Dantas, que a conheceu quando fazia uma  
31 reportagem na favela do Canindé, em São Paulo, onde morava Carolina.  
32 *Quarto de Despejo* tornou-se um grande sucesso editorial, tendo sido pu-  
33 blicado em diversos idiomas. A vida de Carolina era dedicada a escrever.  
34 Em seu diário, ela dizia que não queria se casar, porque nenhum homem  
35 entenderia uma mulher que tinha uma caneta debaixo do travesseiro e era  
36 capaz de parar tudo o que estava fazendo para escrever.

37

### 1 3. *Sobre os diários*

#### 2 3.1. O diário de Maura Lopes Cançado

3 No livro *Hospício é Deus*, podemos observar vários aspectos da  
4 vida de Maura Lopes Cançado. De início, a autora rememora sua infância  
5 e sua relação com seus pais e seus irmãos. No início do livro, quando re-  
6 lembra os primeiros anos de vida, o que mais chama a atenção é a admi-  
7 ração por Didi, sua irmã mais velha. Didi era uma jovem alegre, elegante,  
8 extrovertida, alta, popular e amada. E Maura Lopes Cançado, sendo a ca-  
9 çula, recebia mimos e carinhos de Didi. De família grande, com dez ir-  
10 mãos, o que também ganha destaque é a relação com o pai. Maura Lopes  
11 Cançado tinha grande admiração pelo pai, que parecia uma figura bastan-  
12 te contraditória. Apesar de não frequentar a igreja, era muito religioso.  
13 Ao mesmo tempo que era rígido com a educação dos filhos, mostrava-se  
14 um tanto ausente em alguns momentos, porém amoroso em outros... De  
15 qualquer forma, seu carinho por Maura Lopes Cançado era evidente:

16 (... ) gostava de ouvir contar histórias. Papai fazia com que todos os que fre-  
17 quentavam nossa casa me contassem alguma. Também, papai costumava ter  
18 comigo atenções de um namorado. Chegava feliz do quintal, trazendo as me-  
19 lhores frutas por ele encontradas (figos, mangas, laranjas), dando-as a mim,  
20 apenas, quando havia outras pessoas na sala – mesmo mamãe. Era meu cos-  
21 tume permanecer durante horas junto a papai, introduzindo-lhe as mãos sob a  
22 camisa, tocando-o na pele, beijando-o no pescoço, enquanto ele falava de ne-  
23 gócios. (CANÇADO, 1965, p. 19)

24 Quando criança, Maura Lopes Cançado possuía muita imagina-  
25 ção. A autora costumava brincar sozinha na fazenda, travava relações estre-  
26 itas com árvores e plantas, brincava sério de faz de conta e se elegia  
27 algum personagem de histórias infantis. É importante ressaltar caracterís-  
28 ticas de personalidade, como timidez e o medo. O medo, que aparece em  
29 várias partes de seus registros, é o sentimento predominante. Tal medo  
30 estava quase sempre relacionado à ideia da morte:

31 (... ) o medo foi uma constante em minha vida. Temia andar sozinha pela casa,  
32 ainda durante o dia. Sofria mais que o normal se me via obrigada a separar-se  
33 de mamãe ou papai, ainda que por alguns dias. Temia ser enterrada viva. Vol-  
34 tava sempre ao assunto, perguntando o que me deixassem exposta numa igre-  
35 ja, como fizeram com determinado padre, de quem ela ouvira falar. Quando  
36 fiz, muito séria, o pedido a mamãe, ela riu e me afirmou que morria antes de  
37 mim. Meu pavor às chuvas acompanhadas de trovões. Se não chovia, eu olha-  
38 va o céu a todo instante, o dia inteiro, indagando de alguém: “- Acha que vai  
39 chover?” Sem nenhuma razão aparente temia determinadas pessoas, outras me  
40 inspiravam um nojo físico invencível. (CANÇADO, 1965, p. 20)

1 Maura Lopes Cançado sempre se indagava sobre várias questões  
2 humanas, especialmente a existência de Deus. O próprio título do livro é  
3 um exemplo. Em *Hospício é Deus*, o “Deus” seria uma espécie de salva-  
4 ção para sua cura, intercalando com a doença, ou seja, certeza de algo  
5 que jamais pudera esquecer algo e que a atormentaria pelo resto da vida:

6           Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos ar-  
7 rancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo,  
8 exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas  
9 cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – co-  
10 mo o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para  
11 não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando imensuráveis:  
12 Hospício é não se sabe o que, porque Hospício é deus. (CANÇADO, 1965, p.  
13 38)

14 De acordo com o diário, ainda, casou-se aos 14 anos, vivendo cin-  
15 co na casa de seus sogros. Em seguida, decidiu se separar. Nessa época,  
16 julgou ser possível recomeçar a vida sendo aspirante a aviadora. Buscou  
17 quebrar barreiras, preconceitos e superar a doença mental. Lutou pelos  
18 seus ideais, ultrapassando assim expectativas de parentes e vizinhos.  
19 Nesta parte, é possível perceber o contexto inserido, no caso a cidade in-  
20 teriorana de São Gonçalo de Abaeté, em Minas Gerais. Naquele momen-  
21 to, no interior do Brasil, principalmente, havia um estereótipo feminino,  
22 que deveria ser seguido: uma moça deveria casar-se, ser mãe e compor-  
23 tada socialmente. Maura Lopes Cançado sofreu as consequências por de-  
24 safiar tais padrões.

25 Maura Lopes Cançado era tão livre que se internou no manicômio  
26 por vontade própria pela primeira vez aos 18 anos. Aos 22 dois, decidiu  
27 internar-se novamente e é nesta fase em que escreve seu diário. Ainda as-  
28 sim, ela afirmava estar essencialmente lúcida. Contrapondo qualquer ad-  
29 versidade, a autora mostra que seus textos são cheios de sentimentos e  
30 transbordam num imenso caldeirão de emoções. Com isso, seu diário,  
31 também se transformou em lugar de denúncia aos maus tratos sofridos  
32 por parte dela e das outras internas. É nítido que fora um instrumento de  
33 voz para os oprimidos, portanto, algo revolucionário para década de  
34 1950:

35           Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só  
36 quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um  
37 prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas,  
38 somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos presídios. Pretende  
39 mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo.  
40 (CANÇADO, 1965, p. 81)

1           Nesse sentido, é possível afirmar que seu diário ultrapassa as bar-  
2 reiras de sua resistência física e mental. Apesar de reclusa, ela conseguia  
3 fielmente registrar suas lembranças para não serem esquecidas. No hospi-  
4 tal para doentes mentais, a escritora sentiu medo, revolta, nojo, ódio,  
5 saudades e, possivelmente, amor. Este último sentimento era dedicado  
6 principalmente ao seu analista, Dr. A., um jovem, inteligente e compre-  
7 ensivo. Maura Lopes Cançado o considerava diferente de todas as pesso-  
8 as que conhecera. É engano pensar que eram flores o convívio dos dois,  
9 mas, entre discussões e momentos de distração ao lado dele, a escritora  
10 agarrou-se à atenção dada pelo médico como se fosse um bote de salva-  
11 ção para tentar escapar de tudo que a atormentava.

12           *Hospício é Deus* é um diário com inúmeros registros da angústia  
13 vivida por Maura Lopes Cançado. Suas emoções, medos, prazer são al-  
14 guns exemplos de resistência a serem citados. Escrever fora uma válvula  
15 de escape. Maura Lopes Cançado fez de seu diário uma extensão de seu  
16 corpo: sentia a necessidade de escrever assim como tinha necessidade de  
17 respirar. Enfim, *Hospício é Deus* colocou uma lupa em vários assuntos  
18 pouco discutidos pela sociedade, como a loucura e a condição da mulher  
19 no final da década de 1950.

20

### 21           **3.2. Diários de Walmir Ayala**

22           O preconceito com os homossexuais sempre esteve presente na  
23 sociedade, de maneira acentuada ou não, este é um dos temas dos diários  
24 de Walmir Ayala, que foram publicados em três volumes e cujo primeiro  
25 volume foi iniciado em março de 1956. Walmir Ayala se sentia fora do  
26 contexto social por conta de sua opção sexual, com medo do preconceito  
27 que viria a sofrer. Além disso, sentia-se também atormentado pela perda  
28 da mãe, que morrera quando ele tinha apenas quatro anos. Tal fato mar-  
29 caria para sempre seu trabalho e sua carreira.

30           Por esses motivos, era um homem amargurado e depressivo. Em  
31 seu diário, Ayala transitava em indagações religiosas, morais e sociais e,  
32 de maneira poética, cortejava a morte para se ver livre de sua própria  
33 condição de enlutado, que o atormentava. Apesar de tudo, Ayala era reli-  
34 gioso e via na figura de Cristo um amparo para seus conflitos internos,  
35 ele se identificava com seu sofrimento e se martirizava por acreditar estar  
36 vivendo em pecado... Talvez, por sua religiosidade, é que ele se sentia  
37 tão culpado. O julgamento em relação às diferenças era outro aspecto re-

1 corrente em seu diário, que é intercalado entre passagens poéticas refe-  
2 rentes ao cotidiano e seus desabafos pessoais...

3 Em muitos dos relatos encontrados no diário, o autor, demonstra  
4 ter encontrado nova forma de escrita – cartas direcionadas a amigos pró-  
5 ximos. Por exemplo, a solidão que o acompanhava fortemente o influen-  
6 ciou a redigir tais cartas. O conteúdo era sobre seus relacionamentos frus-  
7 trados, suas mazelas, suas esperanças de mudança para alguma eventual  
8 situação mais favorável. Confessava-se especialmente para os irmãos  
9 Cardoso - Lelena e Lúcio. Neles a confiança fora tão grande que, por ve-  
10 zes, Walmir parecia sentir-se membro da família. Mas sua relação com  
11 Lúcio Cardoso foi um dualismo entre amor e ódio. Ambos discordavam  
12 sobre muitas questões e concordavam em outras. Já com Lelena não ha-  
13 via divergências. Ayala demonstrava ter uma grande afinidade e empatia  
14 por ela. A convivência entre os dois merece destaque no diário. Muito ze-  
15 loso, Lelena parecia ser uma verdadeira irmã que estava sempre apoiando  
16 as atitudes e aconselhando-o quando necessário. Assim Ayala relata:

17 Lelena sabe o que é o amor. E como sabe. Hoje lendo parte de suas me-  
18 mórias chego ao princípio de que me parece verdadeira explosão de sua per-  
19 sonalidade tão fabulosa. É justamente o encontro com amor. O relato da in-  
20 fância, até ali, fica como um quadro, uma relação de costumes e de ingênuas  
21 alegrias que a mais integral inocência fundou nesta alma rara e maciça que é  
22 Lelena. (AYALA, 1963, p. 54)

23 Os passeios e a vida boêmia nas grandes metrópoles como Rio de  
24 Janeiro, Minas Gerais, Salvador e Rio Grande do Sul são marcantes nos  
25 diários de Ayala. Isso porque o escritor parece buscar referências de há-  
26 bitos típicos de artistas. Nessas viagens, seu olhar curioso permitia que  
27 ele explorasse as mais variadas culturas dos locais. Ele também utilizava  
28 desse recurso como uma fuga de sua constante tristeza.

29 Novamente, aparece Lelena: após aceitar viajar com ela para Mi-  
30 nas Gerais, Walmir percebe que seus medos e inseguranças na infância  
31 estavam diretamente ligados à falta de diálogo:

32 agora entendo que era a solidão que me deprimia naquelas viagens da minha  
33 infância. Com Lelena é um diálogo sem fim. Mesmo, e principalmente talvez,  
34 quando estamos calados. O coração substitui as palavras. O ritmo se organiza,  
35 há sinfonia tácita (AYALA, 1963, p. 55).

36 Contudo, esta viagem trouxe lembranças, especialmente na che-  
37 gada em Ouro Preto, pois o ambiente da cidade histórica, com igrejas e  
38 obras de Alejandros, permitiu que revivesse a infância católica. No Rio  
39 de Janeiro, sua vida foi de constantes transformações. Na cidade maravi-



1 lhosa, também demonstrava insatisfação por estar sozinho, mesmo rode-  
2 ado de amigos - era como se algo faltasse para completá-lo.

3 Quanto às suas relações amorosas, ainda que o escritor preferisse  
4 preservar a identidade de possíveis companheiros, mencionando-os ape-  
5 nas por letras iniciais, sendo uma possível forma de assumir verdadeiros  
6 sentimentos: "T. me aguça os nervos para uma intimidade maior. É dos  
7 que se lançam a todas as conquistas, mesmo sem capacidade de levá-las a  
8 termo, e se contenta com a só certeza de ter inspirado uma revelação".  
9 (AYALA, 1963, p. 24)

10 Os diários de Walmir Ayala trazem um escritor reflexivo com voz  
11 ativa para tomadas de decisões importantes. Mostra que a escrita trans-  
12 passou barreiras. E levaram seu objetivo para além do desabafo. Portan-  
13 to, o autor transcende a existência de poeta, para com isto, promover  
14 rompimentos de tabus impostos em anos complicados na sociedade brasi-  
15 leira.

16

### 17 **3.3. Os diários de Carolina Maria de Jesus**

18 No fim da década de 1950, precisamente em 1957, as eleições  
19 paulistas fervilhavam. Era nessa ocasião que um jovem repórter chamado  
20 Audálio Dantas fora pautado para realização de uma matéria sobre o  
21 crescimento exorbitante da favela Canindé, às margens do Rio Tietê, na  
22 cidade de São Paulo. Ainda na mesma ocasião, adultos utilizam incorre-  
23 tamente um playground, quando Carolina os avistou, dizendo: "vou colo-  
24 car vocês no meu livro". E colocou mesmo seus vizinhos em várias pas-  
25 sagens de aproximadamente vinte cadernos que guardava em seu barraco,  
26 os quais, logo depois, se tornariam o famoso *Quarto de despejo* - Diário  
27 de uma favelada, que foi publicado graças a Audálio Dantas.

28 *Quarto de despejo* também servia como lugar de denúncias, fatos  
29 históricos, brigas, amizades, que são exemplos da observação de Caroli-  
30 na do mundo em que estava inserida. Embora o livro tenha sido editado e  
31 traduzido para diversos idiomas, a forma de escrita se manteve fiel. Ou  
32 seja, a escritora propõe a todo o momento um pacto referencial (LE-  
33 JEUNE, 2014), sendo uma espécie de um atestado para o leitor de que  
34 suas histórias sobre sua vida na favela seriam verídicas. Talvez seja por  
35 esses motivos que, quando Carolina finalmente conseguiu deixar a fave-  
36 la, após ter publicado *Quarto*, o caminhão com a mudança de Carolina  
37 tenha sido apedrejado. Contudo, mesmo após chegar ao bairro de Santa-

1 na, o hábito de escrever continuava. O ambiente mudou, mas a necessi-  
2 dade de transportar para o papel tudo o que ela conseguisse anotar per-  
3 manecia presente no seu cotidiano.

4 Ressalta-se o fato da autora ser grafo-maníaca, porque não conse-  
5 guia parar de escrever e deixou em torno de mais de cento quarenta ma-  
6 nuscritos e algumas folhas soltas, que constituem em um legado de luta e  
7 marcantes acontecimentos durante sua trajetória. Nenhuma especulação  
8 sobre a intelectualidade e pobreza no Brasil pode passar, portanto, ao lar-  
9 go da antiga catadora de papel – que também trabalhou como empregada  
10 doméstica, faxineira de hotel, auxiliar de enfermagem, vendedora de cer-  
11 veja e artista de circo. (RUFINO, 2015, p. 144-145)

12 Em vários trechos do seu diário, Carolina se referia à fome e às  
13 dificuldades que enfrentava com seus filhos. Ao longo do texto, a autora  
14 revela o quanto é doloroso sentir fome. O sofrimento parece transpor o  
15 corpo, isso porque esse corpo estava paralisado e enfraquecido pela falta  
16 de alimento. E juntamente com a fome, a necessidade de utilizar os restos  
17 de comida que encontrava em frigoríficos, lixos e donativos de pessoas  
18 próximas, "(...) No frigorífico eles não põem mais lixo na rua por causa  
19 das mulheres que catavam carne podre para comer". (JESUS, 1997)

20 Carolina Maria de Jesus representou um grande marco para a lite-  
21 ratura brasileira, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, tempos  
22 conservadores e conturbados e emergente, no qual o país ansiava por  
23 mudanças em diversos âmbitos. Segundo Meihy:

24 Curioso notar que Carolina produziu duas faces para leituras: a externa,  
25 que equivalia à formulação da fantasia das injustiças sociais e, junto, o retrato  
26 da intimidade de segmentos marginalizada. Internamente, porém, a imagem  
27 produzida pela Cinderela Negra dava conta de uma sociedade que, insatisfeita,  
28 buscava alternativas de transformações. (MEIHY, 1996, p. 26)

29 Significando uma mostra da desigualdade social problemática do  
30 país, os estudos acerca de Carolina Maria de Jesus ganharam destaque no  
31 exterior. Logo, *Meu Estranho Diário*, que continha trechos inéditos de  
32 Carolina, produzidos em várias fases de sua vida, levaram ao início da  
33 jornada de estudos de Carolina pelo exterior: "muito mais temático, o  
34 consumo do livro da escritora favelada servia, acima de tudo, como  
35 exemplificação". (MEIHY, 1996, p. 27). A composição do diário se mos-  
36 tra diferente de *Quarto de despejo* no que diz respeito à edição. A trans-  
37 crição fiel dos manuscritos e a preocupação na busca por não retocar, fra-  
38 ses ou jargões que a escritora usava, deixam a autenticidade da obra evi-  
39 dente.

1 *Meu estranho diário* traz novas perspectivas sobre a escritora. O  
2 livro é dividido em fragmentos como “No quarto de despejo”, “Na casa  
3 de alvenaria” e “No sítio”. Em que cada fase, a autora dá mostras de seu  
4 talento para falar de diversos assuntos, como política e desigualdade so-  
5 cial. Aborda também a questão da maternidade: Carolina parece estar  
6 preocupada em ser uma boa mãe.

7 Entre tantas manifestações nos registros da escritora, o que chama  
8 atenção é o fato de ela lutar contra o cansaço do cotidiano para continuar  
9 a escrever. Como nos relata Carolina: “Eu almocei um pouquinho porque  
10 estou cansada. Peguei um livro para eu ler. Depois senti frio. Fui sentar  
11 no sol. Achei o sol quente fui sentar na sombra. É que lavei muitas rou-  
12 pas. E estou cansada. Depois fui escrever”. (JESUS, 1996, p. 41). Assim,  
13 Carolina Maria de Jesus encontrava na escrita um lugar de resistência e  
14 refúgio.

#### 15 16 **4. A pesquisa na imprensa**

17 A pesquisa sobre a fortuna crítica de cada autor foi realizada por  
18 meio do acesso aos acervos dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*,  
19 que reúnem diversas matérias publicadas ao longo dos anos. No entanto,  
20 durante a pesquisa, foi possível notar que a maioria das matérias era re-  
21 petitiva, sempre fazendo uma contextualização do autor em questão,  
22 abordando suas obras, suas particularidades, destacando premiações  
23 (como no caso de Walmir Ayala) e apresentando organizações de novas  
24 edições de suas obras e de estudos sobre esses materiais. Em ambos os  
25 acervos eram esses os principais destaques.

26 Além da pesquisa sobre os próprios autores, foram pesquisados  
27 seguintes temas: loucura, catador de lixo, homossexualidade, condição da  
28 mulher e contracultura. Com contextos da década de 1950 e início da dé-  
29 cada de 1960, os temas pesquisados nos acervos demonstram a forma  
30 que as “minorias” eram subjugadas pela sociedade carioca e paulista.

31 Não foram encontradas muitas matérias sobre catadores de lixo.  
32 As poucas notícias – sendo duas no jornal *O Globo* -, encontradas se re-  
33 lacionavam à questão da falta de limpeza urbana. No jornal *O Estado de*  
34 *São Paulo*, as palavras estavam avulsas, tornando a busca mais compli-  
35 cada, ou seja, tais matérias, envolviam a urbanização (crescimento popu-  
36 lacional) e a vasta quantidade de lixo espalhada pelas cidades. Logo, po-  
37 demos concluir que a ocupação de catador de lixo, nesta época, era pouco

1 divulgada pela imprensa, talvez pelo fato de a questão da reciclagem não  
2 ser tão discutida na época.

3 No que diz respeito à loucura, ao inserir este tema da pesquisa,  
4 especialmente no jornal *O Globo*, apareciam sempre informes publicitá-  
5 rios em datas festivas. Algumas notícias foram encontradas com o foco  
6 em crimes, geralmente passionais. Em *O Estado de São Paulo*, as notí-  
7 cias eram sobre descobertas científicas ou sobre a figura de Freud e psi-  
8 canálise. Portanto, a temática era pouco relacionada à doença propriamente dita, mas com associações a outras linhas editoriais.

10 Em relação à contracultura, este assunto aparece relacionado a di-  
11 versos grupos de pessoas com atitudes consideradas exóticas. As notícias  
12 abordadas especificamente em *O Estado de São Paulo*, estavam ligadas a  
13 países europeus, onde o movimento tinha mais força. No jornal *O Globo*,  
14 ao buscar por este tema, as matérias resultantes de tal busca envolviam  
15 pessoas de determinada classe social, trabalhista etc., que eram contra a  
16 alguns grupos culturais da época.

17 Quanto à homossexualidade, poucas matérias foram encontradas:  
18 somente 21 – sendo treze em *O Globo* e oito em *O Estado de São Paulo*.  
19 A abordagem desse tema sempre era feita de modo objetivo, relacionada  
20 a crimes e descobertas do campo da ciência.

21 A condição da mulher foi o único tema com várias páginas a se-  
22 rem exploradas. No acervo de *O Globo*, havia um caderno especial, no  
23 qual se divulgavam dicas de beleza, culinária, moda e estilo. Raramente  
24 eram publicadas matérias sobre a condição da mulher em assuntos além  
25 dos estereótipos femininos impostos pela sociedade. *O Estado de São*  
26 *Paulo* publicava matérias sobre celebridades e mulheres que exerciam in-  
27 fluência nas altas esferas da alta sociedade. O feminicídio também era  
28 noticiado com relevância nos dois jornais.

29 No decorrer das buscas nos acervos online esbarramos em um  
30 ponto desfavorável para se tornar uma execução bem-sucedida. Citamos  
31 a dificuldade de catalogação do material coletado nos bancos de dados  
32 dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*. O sistema não permite que  
33 apenas se copie e cole. Por outro lado, a impressão geraria uma quantida-  
34 de absurda de papel, o que seria prejudicial para o meio ambiente, bem  
35 como para o arquivamento da pesquisa, pois, com a ação do tempo, os  
36 papéis se degradariam e perderíamos todo material coletado. Portanto, a  
37 solução foi o compartilhamento por meio do sistema do Gmail, mas a vi-  
38 sualização é difícil, o que torna seu processo de análise mais lento.

39

## 1    **5. Resultados e extensões da pesquisa**

2           Com o objetivo de divulgar a pesquisa e os autores pesquisados,  
3    foi estruturado o site <http://escritasdesi/comunicacaoeliteratura.com>. Por  
4    meio das postagens realizadas, abordamos não apenas a obra dos autores,  
5    como também assuntos relacionados - conceitos de literatura marginal,  
6    feiras literárias, formas de contracultura, arte urbana (grafite), movimen-  
7    tos sociais, teatro e região periférica, são exemplos a serem citados. Essas  
8    publicações no formato de matérias jornalísticas, tendo como foco emba-  
9    samento teórico, ligados às obras dos nossos escritores em questão.

10           O site também buscou recuperar as memórias escritas pelos auto-  
11   res pesquisados, permitiu a descoberta de novos autores ligados à litera-  
12   tura comparada e/ou outras vertentes da literatura e ainda a divulgação  
13   das oficinas realizadas durante o projeto. Os autores foram utilizados  
14   como base para a maioria das postagens, o que permitiu o aprofundamen-  
15   to na pesquisa, análise e comparação dos diários e matérias publicadas.

16           Na Universidade Unigranrio, houve uma exposição dedicada aos  
17   autores Maura Lopes Cançado, Maria Carolina de Jesus e Walmir Ayala  
18   e suas obras, intitulada "Expo Diários", na qual convidamos os visitantes  
19   a acessassem o blog, contribuindo com ideias e sugestões de textos. En-  
20   fim, o site ultrapassou as expectativas propostas no cronograma de exe-  
21   cução, porque permitiu abranger diversos campos na literatura, sociolo-  
22   gia e antropologia.

23           Ao longo do projeto foram realizadas oficinas de diários no Cen-  
24   tro de Educação de Jovens e Adultos de Duque de Caxias. As oficinas fo-  
25   ram divididas em três encontros: no primeiro dia, mostramos aos partici-  
26   pantes a trajetória de vida dos autores. Todos participaram ativamente,  
27   sendo curiosos em suas indagações e opinando sobre o assunto. No se-  
28   gundo momento, buscamos fazer exibições de vídeos, fotografias e tre-  
29   chos dos livros estudados. Para trazer algum diário contemporâneo, utili-  
30   zamos o livro *Para Francisco*, de Cristiana Guerra, no qual a autora bus-  
31   ca resgatar a memória do marido falecido dois meses antes do nascimen-  
32   to do filho, Francisco, contando a ele como eram seu pai e a vida do cas-  
33   sal. Ao final das oficinas, os alunos levaram seus "diários" prontos. Con-  
34   taram como foi a experiência de compor seu diário, relatando sobre a vi-  
35   da familiar, o convívio social, a infância, a perda de entes queridos, entre  
36   outros fatos vividos. As anotações mencionadas por eles dizem respeito à  
37   descrição de seus corpos e emoções, assemelhando-se à escrita dos auto-  
38   res estudados nos projetos. Portanto, as oficinas mostraram um cenário

1 de pessoas aparentemente não acostumadas a escrever que descobriram  
2 uma fonte de inspiração para continuar a escreverem.

3

#### 4 **6. Considerações finais**

5 O projeto de Iniciação Científica *Carolina Maria de Jesus, Maura*  
6 *Lopes Cançado e Walmir Ayala: contextualização de vida e obra* permi-  
7 tiu aos alunos ampliar seus conhecimentos literários, acadêmicos e cultu-  
8 rais. Com isso, percebemos também como é vasta a gama de autores  
9 pouco estudados e também a pouca relevância e visibilidade que possu-  
10 em nos meios de comunicação de massa. Nossos autores estudados fize-  
11 ram de sua escrita algo orgânico, parte de seu corpo, pois, para eles, es-  
12 crever era como respirar. Todos eles colocavam no papel um desabafo  
13 necessário para sua resistência e existência, seja na favela, no hospício ou  
14 na sociedade.

15 Ao longo de um ano, pesquisamos sobre os temas apresentados, o  
16 que contribuiu para o nosso crescimento acadêmico intelectual. Os diá-  
17 rios foram escritos em determinado contexto histórico, cultural, econô-  
18 mico do final da década de 1950, e é possível perceber que tal contexto  
19 influenciava sua escrita. Cabe ressaltar ainda que os autores analisados  
20 eram considerados, de certa maneira improváveis, pois eram, cada um à  
21 sua maneira, pertencente a minorias.

22 O processo de pesquisa demonstrou também que Carolina, Maura  
23 Lopes Cançado e Ayala são pouco conhecidos. Mesmo Carolina, apesar  
24 de uma recente – mas passageira – visibilidade em função do centenário  
25 de seu nascimento, em 2014, não figura na lista dos escritores mais reco-  
26 nhecidos pelo grande público.

27 Nesse sentido, os principais objetivos da pesquisa foram cumpri-  
28 dos, que eram analisar e comparar os diários de Carolina Maria de Jesus,  
29 Walmir Ayala e Maura Lopes Cançado no que diz respeito aos seus cor-  
30 pos e emoções, além de ampliar os discursos no ambiente acadêmico e  
31 cultural sobre tais escritores. Para tanto, utilizamos ferramentas tecnoló-  
32 gicas, que permitiram a busca nos acervos online, revistas eletrônicas, a  
33 manutenção do blog e levantamentos bibliográficos.

34

#### 35 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

36 AYALA, Walmir. *Diário I: difícil é o reino*. Rio de Janeiro: GRD, 1962.

- 1 \_\_\_\_\_ . *Diário II: o visível amor*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor,  
2 1963.
- 3 \_\_\_\_\_ . *Diário III: a fuga do arcanjo*. Rio de Janeiro: Editora Brasília,  
4 1976.
- 5 CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*, Diário I. Rio de Janeiro:  
6 José Alvaro, 1965.
- 7 JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organizado por José  
8 Carlos Sebe Bom Meihy; Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.
- 9 \_\_\_\_\_ . *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática,  
10 1997.
- 11 LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Be-  
12 lo Horizonte: UFMG, 2014.
- 13 MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A percepção de um brasileiro. In:  
14 JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organizado por José  
15 Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.
- 16 MEIRELES, Mauricio. A mineira Maura Lopes Cançado começa a ter  
17 sua obra redescoberta. *O Globo*. 11/04/2014. Disponível em:  
18 <[http://oglobo.globo.com/cultura/a-mineira-maura-lobes-cancado-  
comeca-ter-sua-obra-redescoberta-12184270](http://oglobo.globo.com/cultura/a-mineira-maura-lobes-cancado-<br/>19 comeca-ter-sua-obra-redescoberta-12184270)> Acesso em: 31/03/2016.
- 20 RUFINO, Joel. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar*  
21 para os pobres. Rio de Janeiro: Global, 2015.